

Iliteracia científica e mediática



O que é meu é teu Vítor Belanciano

Desde o início da pandemia que se percebeu que o conhecimento científico e o ecossistema comunicacional estariam sob escrutínio público. Nada de surpreendente. Com o tempo, o desgaste dessa relação é evidente, com posições extremadas que revelam iliteracia na forma como muitos se relacionam com ciência e comunicação, mas também desajustamentos no modo como alguma ciência e comunicação se posicionam. A ciência, como os *media*, tem potencialidades e limites. Hoje é evidente que a crise pandémica está numa nova fase graças à ciência, mas também ficou patente que a resolução de problemas de saúde pública é tanto mais eficaz quanto se faz com múltiplos saberes, alguns até não científicos, porque nenhuma forma de conhecimento, por si só, capta as inúmeras experiências da realidade. Se alguma conclusão pode ser tirada hoje, é a de que a pandemia é um fenómeno social total, que não pode ser entendido, nem enfrentado, com base num único tipo de sabedoria.

Nesse sentido, se a pandemia expôs, e bem, as capacidades da ciência, reforçando a sua credibilidade, também mostrou o que não deveria ser surpresa – que não é perfeita. Que é atravessada por dificuldades de comunicação internas, entre diferentes ciências, e externas, de dentro para fora, e que é feita também de incompletudes, paradoxos e diferentes visões. Não existe nada de anormal nisto, mas parte da opinião pública parece ter sido frustrada, porque se habituou a observar alguma ciência como se esta fosse um reportório de verdades absolutas.

Neste cenário, não espanta que muitos tendam a converter modelos, hipóteses, cenários ou pareceres de cientistas em verdades. Da mesma forma que se banalizou a expressão “negacionistas”, colocando-se no mesmo saco quem produz teorias da

conspiração, grupos extremistas que manobram politicamente a situação, quem nega sem sustentação o conhecimento científico, mas também quem expõe dúvidas razoáveis.

Com os *media* tem sucedido algo semelhante. Há responsabilidades próprias. Um dos problemas de algum jornalismo foi ter-se convencido (e, nesse movimento, persuadido muita gente) de que era neutral ou sinónimo de verdade. Criou uma expectativa para si próprio, e para o público, impossível de cumprir, que se virou contra ele mesmo, em particular nas últimas décadas, quando a pulverização digital expôs muitas dessas contradições. No mundo de hoje, o que o bom jornalismo pode dar é clareza, transparência, honestidade, solidez de argumentos, rigor, sendo capaz de expor complexidade com alguma simplicidade e diferentes perspectivas perante uma realidade. Até a recente tendência do *fact-checking* é perversa. Pode ajudar na detecção de notícias falsas, mas também infantiliza, porque o jornalismo não lida só com factos ou estatísticas, mas também com contextos, possibilidades interpretativas ou pressupostos culturais ou sociopolíticos. Deve fortalecer a reflexão e dotar os cidadãos de ferramentas para terem mais conhecimento. É assim que também se criam relações de confiança. Nesse sentido, tanto a ciência como os *media* só tendem a ganhar com o debate sobre os seus limites. Não reçar designá-los contribui para que confiemos mais na compreensão que nos podem proporcionar dentro desses limites. Criar expectativas exageradas só conduz ao desencanto. E a verdade é que precisamos de boa ciência e de bom jornalismo. E de cidadãos que saibam lidar com as suas muitas possibilidades e também limites, sabendo destrinçar o que está em questão no meio das inúmeras encruzilhadas com que nos debatemos hoje.

Jornalista